

Os cerca de 18 mil espanhóis da Baixada Santista, natos ou descendentes, ou simplesmente simpatizantes da seleção espanhola já têm onde se encontrar para torcer na final da Copa do Mundo de 2010. Como se deu ao longo da competição, o Centro Espanhol promoverá uma reunião entre os torcedores em sua sede, à Avenida Ana Costa, 286, no Campo Grande, para acompanhar a partida final entre Espanha e Holanda, domingo (11), a partir das 15h30. A entrada é livre e o jogo será acompanhado no Salão José de Anchieta. Informações 3233-1182 e 3233-2797.

## CANDIDATOS A 2014

Quem está entre os jovens cotados para figurar na próxima Copa do Mundo

<b>Goleiros:</b> Felipe (Santos), Diego Alves (Almeria-ESP), Cássio (PSV-HOL), Renan (Internacional)	<b>Volantes:</b> Fernando (Porto-POR), Sandro (Internacional), Lucas (Liverpool-ING), Arouca (Santos), Maylson (Grêmio)	<b>Meias:</b> Paulo Henrique Ganso (Santos), Giuliano (Internacional), Carlos Eduardo (Hoffenheim-ALE), Oscar (Internacional), Zezinho (Santos)
<b>Laterais:</b> Douglas (Goias), Gabriel Silva (Palmeiras), Alex Sandro (Santos), Marcelo (Real Madrid-ESP), Fagner (Vasco)	<b>Zagueiros:</b> David Luiz (Benfica-POR), Rafael Tolói (Goias), Mário Fernandes (Grêmio), Dalton (Fluminense), Thiago Silva (Milan-ITA)	<b>Atacantes:</b> Alexandre Pato (Milan-ITA), Neymar (Santos), André (Santos), Douglas Costa (Shakhtar-UCR), Walter (Internacional), Phillipe Coutinho (Vasco)

## O OUTRO LADO DA BOLA

marbatista@hotmail.com

Marcus Vinicius Batista (interino)

## As lições dos argentinos

Diante de uma rivalidade mais presente entre nós, é duro de admitir: os argentinos estão melhores do que os brasileiros. Uso o verbo estar porque sou esperançoso. Acredito que o futebol nacional poderá novamente superar a equipe sul-americana que mais se aproximou da arte nesta Copa do Mundo.

Os hermanos nos deram algumas lições, dentro e fora do campo, neste Mundial. Apenas temo que, pela arrogância que caracteriza nossa relação com o time de futebol, sejamos cegos, surdos, mudos e pernas-de-pau.

Os argentinos nos mostram que, quando estavam atrás no placar, a única saída era continuar lutando. Com calma, sem chiquetes nem violência. Nós optamos pelo dedo em riste, como fez Robinho diante do atacante Robben. Ou a entrada de Felipe Melo no mesmo jogador.

À beira do campo, outra diferença: enquanto Maradona apertava o rosário ou se abraçava a um reserva em via de entrar na partida, Dunga socava o banco de reservas. Sabemos que as reações e as palavras dos técnicos pouco interferem no andamento do jogo. Ainda mais com milhares de vuvuzelas nos ouvidos. Vale mais a conversa de vestiário. Mas os olhares entregam, expõem as inseguranças de um treinador.

No pós-jogo, os argentinos nos ensinaram elegância. O técnico Dunga saiu bufando. Maradona abraçou cada um de seus atletas, como havia feito nas vitórias anteriores. A coincidência sobreviveu no choro dos atletas, no campo, nas entrevistas, nos vestiários. Vivíamos de um discurso patriótico, fomentado pelo choque, pelo conflito, por raiva em palavras ríspidas.

As lições de esportividade dos argentinos apareceram ainda no mesmo dia. Nós, brasileiros, nos alimentamos da ideia de eternos donos da bola. A soberba que se baseia na nostalgia de um futebol-arte, presente hoje em jogadores-exceção, em times que duram pouco mais de seis meses, no máximo uma temporada completa. Santos é o mais recente exemplo.

A partir daí, a seleção nacional vive a obrigação de vencer sempre. Nesta lógica egocêntrica, os holandeses

não venceram. Nós perdemos. E precisamos personificar os culpados. Felipe Melo, mesmo expulso com o placar definido, virou o vilão nacional. Não aprendemos com o erro histórico de crucificar o Dunga. Os pretensiosos fazem do erro a burrice.

Aliás, o técnico Dunga, alvo do preconceito que mistura o jogador e o técnico, se transformou em vidraça para aqueles que adoram dizer:

- Eu já sabia!

No momento da derrota, todos tem uma solução na ponta da língua. Sabemos o que deveria ser feito, quem deveria estar lá, clamamos por uma renovação cínica, que não reconhece que parte da estrutura permanece viva.

Cinismo também presente na cartolagem, que não apontamos como co-responsável pelo fracasso. Cínicos são os cartolas que dão entrevistas como se não fizessem parte da delegação. Com a convicção de alguns seguradores de microfone.

Para os argentinos, aplausos e agradecimentos pela luta. Dez mil pessoas esperavam em festa pelos atletas. Perder para a Alemanha é tão normal quanto ser derrotado pela Holanda. Forças equivalentes, vários resultados possíveis. Assim são os galos fortes na rinha.

A equipe argentina foi convidada para visitar a presidência da República. Os governantes brasileiros, que adoram palpitar sobre tudo que não interessa aos cargos que ocupam, dão suas verdades absolutas sobre futebol. E engrossam o coro dos caçadores de bruxas. Será que desconhecem o peso da palavra?

Os governantes criticam a Copa do Mundo, mas mal conseguem colocar os primeiros tijolos a quatro anos do Mundial por estas bandas. E ainda seguem em trem da alegria para ouvir vuvuzelas in loco, na África do Sul.

Nas últimas partidas entre Brasil e Argentina, vencemos de goleada. Os vizinhos viraram nossos fregueses, dentro do campo. No restante, quem leva a surra somos nós. De civilidade. De senso de coletividade. De humildade.

Marcus Vinicius Batista é jornalista e professor universitário. Outros textos do autor em [www.conversasdedistracoes.blogspot.com](http://www.conversasdedistracoes.blogspot.com).

## SELEÇÃO BRASILEIRA

# Hora da renovação

Com o fiasco na África do Sul, seleção passará por sensível mudança em seu elenco visando a Copa do Mundo no Brasil. Neymar e Paulo Henrique Ganso, que poderiam ter ido em 2010, devem encabeçar a lista para 2014

LINCOLN CHAVES  
DAREDAÇÃO



Divulgação

**Juventude**  
Jovem, Philipp Lahm estreou em 2006 na seleção alemã e conquistou seu espaço em 2010 na África do Sul

A eliminação da seleção brasileira não trouxe somente tristeza e até revolta aos torcedores. Veio também acompanhada com uma preocupação que poucos haviam se atentado, e que só ficou clara com o desempenho de um de seus grandes rivais na Copa do Mundo: é necessário renovar.

E não se trata apenas de mudar o comandante ou a comissão técnica - como já foi feito -, mas de preparar uma equipe nova para o desafio dos próximos anos: conquistar pela primeira vez a medalha de ouro olímpica e, enfim, alcançar o hexacampeonato mundial na Copa de 2014, que será no Brasil e alvo de intensa pressão, para que os fantasmas de 1950 desapareçam definitivamente.

Não se trata de uma caça às bruxas, mas da constatação de que a seleção que esteve África do Sul foi a de maior média de idade da história do Brasil em mundiais. Somente 12 dos 23 convocados pelo então técnico Dunga estavam abaixo dos 30 anos; e que apenas um deles - Ramires - tem uma idade considerada "olímpica" (23 anos). Só que em 2010.

Sendo assim, a expectativa é de que o grupo que defenderá o País em 2014 seja bem diferente daquele que foi eliminado pela Holanda. Algo que só agora foi defendido pelo presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira. Depois do fiasco da seleção.

### Meninos da Vila

O reflexo automático, especialmente após as atuações que impressionaram o Brasil no primeiro semestre, é puxar os holofotes para a Vila Belmiro e, mais especificamente, para a dupla Neymar e Paulo Henrique Ganso. Nomes que, para muitos torcedores, palpitesiros e jornalistas, poderiam ter um lugar na própria seleção de Dunga em 2010.

A única unanimidade sempre fora Ganso, pela sabida lesão de Kaká no púbis e as enormes dúvidas que existiam sobre a possibilidade de Julio Baptista exercer a mesma função do camisa 10 brasileiro, em caso de suspensão.

Já Neymar era visto com remotas possibilidades devido à elevada concorrência, pois Robinho, Nilmar e Luís Fabiano sempre estiveram certos, e o atacante em questão deveria ter um perfil mais "tombador", pelo menos na visão de Dunga.

O discurso da renovação já

motivou a montagem de diversas "seleções", e na visão de muitos, Neymar e Ganso serão peças imprescindíveis. Alexandre Pato, atacante do Milan, também é nome constante. Especialistas apontam o trio como a "cabeça" do time que brigará pelo Mundial de 2014 e pelo ouro em Londres, em 2012. Mas não poderiam ter dado início a esse processo em 2010, integrados à equipe na África do Sul?

Na visão do jornalista e comentarista da ESPN Leonardo Bertozi, pela forma como as situações ocorreram eles não teriam chances. "O que foi feito na era Dunga foi fechar um grupo cedo demais, e isso não deu espaço aos mais jovens. Nesse aspecto, o que um cara de 18 anos poderia fazer de última hora para convencê-lo?", pondera.

Para o jornalista do portal Terra, Dassler Marques, Dunga até possuía opções de qualidade para 2010. "Lucas (ex-Grêmio, atualmente no Liverpool) ou Sandro (Internacional) eram tão bons quanto Kléberson. Ganso é muito melhor que Júlio Baptista. Neymar e Pato seriam mais úteis que Grafite. Afinal, quando se precisou de mais uma opção a Luís Fabiano, a escolha acabou sendo pelo Nilmar", considera.

"Com um pouco de boa vontade, poderíamos até pensar que jovens como o Diego Alves (goleiro do Almeria-ESP, ex-Atlético-MG) e o Marcelo (lateral do Real Madrid) poderiam fazer parte do time.

### Exemplo germânico

A Alemanha, por sua vez, seguiu um processo diferente ao brasileiro, e dentro de seu projeto, vem obtendo resultados. Em 1998, após ser eliminada nas quartas-de-final, a equipe contava com apenas oito jogadores (em 23) com menos de 30 anos. Esse número subiu para 15 em 2002 (vice-campeã), 18 em 2006 (3º lugar) e 20 em 2010 (brigará pelo terceiro lugar).

Mais: em 2006, foram oito atletas até 23 anos, e em 2010, nove. O desempenho em campo, nas duas ocasiões, esteve entre os mais elogiados, num trabalho assumidamente a longo prazo da federação alemã. "É sempre interessante ter jovens em um grupo. Traz outro tipo de motivação e, claro, planta-se uma semente para os anos seguintes", avalia Marques.

As principais "sementes" plantadas em 2006 atendem pelos nomes de Bastian Schweinsteiger e Phillip Lahm. Ambos debutaram em mundiais há quatro anos, foram bem, ganharam experiência e em 2010 firmaram-se como líderes da equipe na África do Sul, ao lado dos jovens Mesut Özil e Thomas Müller - "sementes" de 2010 e que deverão assumir ainda mais preponderância até 2014.

### Sem atropelar

"A Alemanha já tinha uma base montada para a Copa, mas não fechou as portas. Os jovens foram sendo inseridos de forma natural, sem pressão", alerta Ber-

tozzi, apontando para um dos riscos desse novo pensamento que permeia o futebol brasileiro: a ruptura total com a geração de 2010.

"Acho que não é questão de romper com tudo, pensando em 2014. Não adianta fazer um time inteiro de meninos, convocar desde já a equipe de 2014. Você não pode falar que Kaká, Júlio César e Maicon não estarão na próxima Copa. Pelo contrário. Com a experiência deles, dariam até mais tranquilidade aos mais novos. O mais sensato é haver essa mescla", explica o jornalista da ESPN.

"Penso que deve haver todo um planejamento. Você chama o Júlio César, por exemplo. Ele estará com 32 anos, sem problemas para uma nova Copa se estiver bem tecnicamente. Vale a pena levar? Claro, mas também é interessante chamar um segundo goleiro, mais jovem, para ele já adquirir experiência de seleção", adiciona o ex-treinador da seleção sub-17, Lucho Nizzo.

Outro risco de um processo atabalhoado é a alta "volatilidade" que pode ocorrer. "Há um perigo de se montar uma seleção centralizada no Neymar e no Ganso. É muito prematuro fazerem isso agora. Eles têm que estar no grupo e será natural que apareçam nas primeiras convocações, mas que não sejam os protagonistas por agora. Que façam parte de um planejamento", considera Bertozi, lembrando que o ímpeto pela renovação desenfreada já prejudicou o ex-jogador Paulo Roberto Falcão quando assumiu a seleção brasileira após o fiasco da Copa de 1990.

"A gente vê o Ricardo Teixeira falando que o planejamento é para 2014, mas sabe que a seleção é cobrada por resultados. O Falcão assumiu com esse pensamento em 1991, rompeu com a geração de 90, mas pagou pela falta de títulos como a Copa América ou a Copa das Confederações", completa.

O primeiro desafio será em 2012, com as Olimpíadas, na Inglaterra. A pressão é grande pelo fato de ser a única competição que o Brasil nunca venceu, e a expectativa de Ricardo Teixeira é que a base do time em Londres esteja na Copa de 2014.

A questão, porém, tem relação com o fato do constante surgimento de valores no País. "Há um ano, todo mundo cravava o Keirison (ex-Palmeiras) na seleção de 2014, mas ele sumiu na Europa", lembra.



# Cenário da base prejudica processo

Um dos motivos para o sucesso do processo de renovação da Alemanha, que recolocou o país entre os favoritos em copas do mundo, é a integração entre a seleção principal e as de base. Quatro dos onze titulares do atual grupo foram campeões europeus sub-21 em 2009, e já jogam juntos nas equipes nacionais de formação há tempos. Uma integração que, no Brasil, é apontada como das mais falhas. "No trabalho com a base, a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) está devendo. Trabalha com técnicos pouco gabaritados, sempre do mesmo círculo, e preci-

saria pensar urgente em uma diretoria de seleções de base, um setor que cuide exclusivamente disso", avalia o jornalista Leonardo Bertozi, comentarista da ESPN.

O jornalista Dassler Marques, do Terra, também defende a criação de uma diretoria específica para o futebol de formação, mas não está confiante em maiores mudanças. "São necessárias providências que, sinceramente, não acredito que serão tomadas. Trazer grandes treinadores, primeiramente. Deixar para lá o limite de convocados (três) por clube nas equipes e abrir espaço para os

que jogam no exterior, além de dar mais respaldo às seleções quando elas precisam desfalcar os clubes, que é algo que nunca foi feito", aponta.

Para o ex-treinador da seleção sub-17 e com 23 anos de experiência em categorias de base, Lucho Nizzo, muitos dos erros já começam nos próprios clubes. Segundo ele, os times não possuem, em sua grande maioria, uma integração das categorias de formação com o elenco principal. "Onde você vê um trabalho verticalizado, com as equipes juvenis fazendo partidas com os profissionais?

Isso só acontece quando o técnico do time de cima precisa preencher um buraco. Em muitos casos, o treinador só conhece o garoto quando ele é convocado para uma seleção de base. Só assim ele resolve promover o menino, dar-lhe mais chances. Cria-se uma lacuna enorme", considera.

O cenário da formação também não dos mais aprazíveis. De acordo com Nizzo, há poucas competições oficiais de base, e nas que ocorrem, como os estaduais, os clubes priorizam mais o resultado que efetivamente a lapidação de valores.

"Há uma prioridade aos jogadores mais velhos. Então os mais novos acabam não jogando. Resta então ter que ir a treinos e mais treinos para conhecer melhor os garotos. Um processo que demanda trabalho, tempo e recursos", lamenta.

A falta de respaldo dos clubes também é alvo de críticas. "O clube tem interesse que o garoto jogue na seleção de base. Mas se o jogador ganha espaço, a diretoria passa a ter medo de que ele seja sondado por times do exterior e o clube começa a complicar a liberação do atleta. Isso dificulta a ob-

servação", avalia Nizzo, que ponderou também a incessante gama de "seleções para 2014" criadas na mídia.

"É preocupante porque muitos dos citados ainda não estão nem preparados para jogar agora, e já os colocam em uma Copa. Temos de ter consciência que podemos prejudicar a carreira desses meninos sem o devido cuidado. Há toda uma maturação fisiológica e emocional a ocorrer. Basta lembrar que à nossa seleção, experiente e rodada, faltou equilíbrio emocional após os gols da Holanda", completa. (LC)